

Prostituição em cidades médias: organização política, invisibilidade(s) e políticas públicas¹

Fernanda Maria Vieira Ribeiro (UVA/Ceará)

Palavras-chave: Prostituição, políticas públicas, moralidades

Introdução

Localizada na região norte do Estado do Ceará, a cidade de Sobral pode ser considerada uma cidade de porte médio tanto pela sua taxa populacional como por ser a quarta maior economia do Estado. Apesar do crescente desenvolvimento social e econômico, a cultura continua fortemente marcada pela religiosidade e por uma tradição que ficou popularmente conhecida como “sobralidade triunfante”. Segundo Freitas (2010), a ideia da “sobralidade” é propagada pela elite política e tradicional da cidade, através de uma memória coletiva que reverencia o passado de “pompa” e “glória”. Esse discurso foi muito importante para a construção de um passado glorioso que justifica a necessidade da preservação do patrimônio histórico da cidade, que foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1999 (FREITAS, 2010).

O discurso da tradição e religiosidade constrói uma moral² a ser seguida pelos moradores da cidade, dando conteúdo à sociabilidade entre os indivíduos (SIMMEL, 2005). Contudo, essa moralidade é constituída por ambiguidades e reformulações constantes, pois as cidades medianas têm sofrido processos de revitalização e *gentrification*, próprio das grandes cidades até recentemente. Conforme Ferreira (2010), que estuda as transformações urbanísticas na cidade de Sobral,

As mudanças na cidade passam a refletir uma reorganização política do espaço urbano, podendo nos mostrar um lado da urbe que sofre intervenções

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB

² Inicialmente, utilizo os conceitos de moral e moralidade a partir da perspectiva filosófica tradicional, onde moral designa um conjunto de princípios, normas, imperativos ou ideias de uma determinada época ou sociedade determinada, enquanto moralidade se refere ao conjunto de relação efetivas ou atos concretos que adquirem um significado moral com respeito à moral vigente (VÁZQUEZ, 2013).

de higienização e reconfiguração das relações nos novos espaços construídos, tanto nos seus aspectos físicos quanto nos sociais. A visão publicizada pela administração pública municipal nos veículos de comunicação locais é de “revitalização” e “modernização” da cidade. (FERREIRA, 2010, p.49)

Nesse interim, as relações sociais são recriadas através de formas de fazer, da *performance* e do uso do corpo na cidade (DE CERTEAU, 1996; SENNET, 2001; SAHLINS, 1997). O novo e o velho constituem extremidades conflitantes, mas ao mesmo tempo dialógicas, pois é ressignificando o ser e o fazer na cidade que diversos segmentos sociais negociam o moralmente aceito e lutam pela legitimidade dos espaços que habitam. Na prostituição, as mulheres lidam constantemente com expectativas morais em torno das suas práticas sexuais e labor, tanto de forma externa – pela sociedade, pelos clientes; como internamente, ou seja, na forma como elas próprias entendem a sua condição e se constituem como sujeitos.

As constantes ressignificações espaciais que interferem nos locais de trabalho das prostitutas e trabalhadoras(es) do sexo, através das classificações de “desordem”, “sujeira”, “poluição moral” (DOUGLAS, 1996), contribuem sobremaneira para se aumentar a estigma (GOFFMAN, 1985) e para que as práticas e os usos da cidade por essa população sejam transformados. Estudos sobre territórios de prostituição, fronteiras e os usos da cidade pelas(os) profissionais do sexo vêm sendo desenvolvidos no Brasil por diversas pesquisadoras e pesquisadores (HELENE, 2014; BORTOLANZA, 2014; OLIVAR, 2014; SIMOES, 2010; PISCITELLI, 2013; BLANCHETTE e DASILVA, 2011).

Nesse artigo busco compreender territorialidades e espacialidades interioranas no âmbito da prostituição e como as cidades médias tem se constituído em locais com uma crescente dinâmica no mercado do sexo. Compreender territórios urbanos e rurais é imprescindível para entender a vida das mulheres e dos homens que corporificam no seu trabalho e no seu sexo a forma como vivenciam a sua própria moralidade. Este é um conceito central na pesquisa que ora venho desenvolvendo, pois apesar de vivenciarem novas configurações sociais a partir do crescimento econômico, as cidades médias carregam uma sociabilidade ainda bastante impregnada de pessoalidade (TÖNNIES, 1965).

Desta forma, intento analisar como a moralidade cerceia a atividade da prostituição a partir dos conceitos de “ética ordinária” (DAS, 2012) - que nos permite

pensar no trabalho cotidiano de constituição dos sujeitos de pesquisa como sujeitos éticos, como pessoas morais -, e da “violência ética” (BUTLER, 2015), que critica a forma como determinada moral é imposta aos indivíduos. A partir da cotidianidade de sujeitos marginais, entender a agência em mundos morais e políticos em que se negocia os julgamentos éticos sobre si mesmos e sobre a prostituição. Apesar de tal propósito ir além do que faço neste artigo, para compreender a relação entre território e moral no âmbito da prostituição precisamos buscar os interstícios dessa relação, e isso foi possível através da investigação sobre a organização política das prostitutas e das políticas públicas que permeiam esses espaços.

ASTRAS e a (in)visibilidade de sujeitos políticos

A Associação Sobralense das Trabalhadoras do Sexo (ASTRAS) é jovem e tem apenas quatorze anos desde a sua fundação. O processo de constituição da associação veio desde 1999, a partir de seminários realizados pela Associação de Prostitutas do Ceará (APROCE) - fundada em 1990 -, no intuito de fazer parceiros e atuar nas diversas regiões do Estado. Contudo, a ASTRAS só foi oficializada em 2002, quando Maria da Conceição Oliveira registou a associação. Assumir a presidência e ficar a frente da ASTRAS não ocorreu com apoio imediato da Rosarina Sampaio, presidente da APROCE há época, por causa da origem de Conceição. Conceição nunca se prostituiu e chegou a encabeçar a associação por causa de trabalhos que começou a desenvolver com o segmento das prostitutas na cidade, sobretudo, voltadas para a distribuição de camisinhas e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e de HIV/AIDS. Conforme me relatou a própria Conceição em entrevista,

Conceição: Nessa assembleia³, foram muitas das meninas que optavam pra que eu fosse a presidente, e a Rosarina bateu o martelo que não, que eu não ficava. *Pois se ela não ficar ninguém fica, pronto!* Desde o início foi assim, se ela não ficar ninguém fica. Ate que eu fui nomeada...

Fernanda: Ela não queria porque?

Conceição: Porque eu não era legítima. Então assim dentro da associação, da APROCE, que era a associação cearense tinha que ser legítima, eu não podia ser porque eu não era legítima, então a briga dela era essa, tinha que ser uma

³ A Assembleia a qual se refere foi realizada com as prostitutas, conclamada pela APROCE, na cidade Sobral em 2001 para tentar fundar a associação sobralense.

legítima, e eu não podia, como que eu ia defender uma coisa que eu não fazia parte ne. Então ficou nesse empasse, de fica, não fica, acabei ficando. (Entrevista com Conceição, realizada em 22.03.16)

Esse impasse estava relacionado à representatividade da Conceição frente ao segmento das prostitutas na cidade, pois para a Rosarina - que foi presidente da APROCE até 2013, ano em que faleceu -, Conceição nunca ter se prostituído era um problema, pois ela não ter vivido as experiências e a violência presente na atividade da prostituição dificultava seu entendimento em relação a causa. Contudo, isso não pareceu ser um problema para as próprias prostitutas na cidade, que tanto na fala da Conceição como na fala de algumas mulheres prostitutas, sem a Conceição a associação não existiria. Segundo Gabriela⁴, mulher de quarenta anos, que trabalha nos bares, que funcionam como cabarés durante o dia no centro da cidade.

Gabriela: Se as mulheres apoiasse ela ai, a associação da ASTRAS era maior. Se não fosse por ela, já tinha acabado há muito tempo. Já tá com uns vinte anos que ela leva né. Ei conceição, é dezessete ou é dezoito anos a astras?

Conceição: Treze.

Gabriela: Ai viu, se não fosse por ela ir a luta viu não existia não, já tinha se acabado. Ela não desiste! (Conversa informal com Gabriela no dia 19.05.16)

Talvez o dilema da representatividade da Conceição reflita uma ambiguidade presente nos objetivos da associação, que ora quer “resgatar” ou tirar as mulheres da vida sofrida da prostituição, ora quer empoderar e assegurar o protagonismo das trabalhadoras do sexo em Sobral. Conforme podemos ver nessa reportagem.

Associação é uma entidade civil, sem fins lucrativos, de direito privado que tem como objetivos: combate a prostituição infantil, assim como, a exploração de profissionais do sexo em todos os aspectos; proporcionar aos associados integração na sociedade combatendo a discriminação e os atos lesivos aos direitos humanos; buscar integração com entidades representativas de saúde no combate às DST \ HIV - Aids, e promover atividades sócio- educativas e de promoção humana às trabalhadoras do sexo. [...] Em conversa com o Pastor Carlos Alves, do Blog Missionário Sobral, a coordenadora da ASTRAS diz que a entidade também serve de

⁴ Nome fictício para preservar a identidade.

apoio para as muitas mulheres de Sobral, e de fora que aqui vivem, que se sustentam com a prostituição. “São quase 300 mulheres”, diz a presidente, que garante que a filosofia da entidade não é o de incentivo a prostituição, é sim de orientação aquelas que querem o resgate. “Não é o aluguel de mulheres, é o apoio para saírem desta vida”, frisou⁵.

Nesta reportagem, Conceição enfatiza a necessidade de “orientar” as mulheres que querem sair da prostituição. Na entrevista que me cedeu, ela fala em dar orientação às profissionais do sexo, mas não fala em resgate. As principais atividades da ASTRAS giram em torno de capacitações e de cursos profissionalizantes, além da entrega de preservativos nos principais pontos de prostituição e das oficinas sobre prevenção às DST’s e HIV/AIDS. A maior parceria que a associação tem no município é com a Secretaria de Saúde e Ação Social, tanto na entrega dos preservativos, como na realização de teste rápido de HIV com as(os) profissionais do sexo na sede da associação ou no COAS (Centro de Orientação e Apoio Sorológico).

Tais políticas reforçam o que vem sendo criticado por movimentos sociais e ONGs que trabalham com direitos sexuais, como também dentro do Movimento Nacional das Prostitutas, sobre a forma como as profissionais do sexo, HSH⁶ e outros segmentos são tratados pelas políticas públicas, vistos somente como potenciais transmissoras de DST’s e HIV/AIDS (CORREA, 2006; PARKER, s/d). Essa polêmica ficou muito clara em 2013, quando o Ministério da Saúde realizou uma campanha contra a transmissão de HIV/AIDS com prostitutas de diversos Estados brasileiros, mas teve partes vetadas pelo então Ministro Alexandre Padilha, através da pressão de setores conservadores e fundamentalistas. Conforme reportagem que saiu sobre o caso,

Prostitutas que participaram da elaboração da campanha de prevenção de Aids lançada, vetada e depois modificada pelo governo federal enviam notificação extrajudicial ao Ministério da Saúde, hoje (11), revogando a autorização de uso de imagem e exigindo a imediata suspensão das peças em que aparecem. Elas alegam “radical mudança” na campanha original, que deixou de privilegiar “o enfrentamento do estigma e preconceitos como

⁵ Sobral tem associação das trabalhadoras do sexo. Disponível em: <http://sobralemrevista.blogspot.com.br/2015/07/sobral-tem-associacao-das-trabalhadoras.html>, acesso em 23/03/16

⁶ Homens que fazem sexo com homens.

estratégia de prevenção às DST e Aids” para ter foco apenas no incentivo ao uso da camisinha, tornando-se “higienizada e descontextualizada”.⁷

A redução das políticas públicas voltadas para as(os) profissionais do sexo somente à prevenção de doenças aumenta o estigma e discriminação sobre a atividade da prostituição. Gabriela Leite, fundadora da Rede Brasileira de Prostitutas, em entrevista ao Programa Roda Viva, em 01.06.09, colocava que *a questão da prostituição deve estar inserida dentro das questões da sexualidade, das políticas da sexualidade, dos direitos sexuais, porque as feministas sempre disseram que estavam trabalhando os direitos sexuais e reprodutivos*. Tal debate está no centro das discussões da Rede e tem gerado conflitos e discordâncias entre parte do movimento que aceitam as políticas de prevenção de forma acrítica, como tem acontecido em algumas regiões do Norte e Nordeste do país.

Em Sobral, a ASTRAS tem caminhado junto a essas políticas de prevenção, mas também tem se mostrado aberta ao debate sobre cidadania e direitos sexuais das suas associadas. Segundo Conceição, no primeiro cadastro que foi realizada com as(os) profissionais do sexo em 2001, eram mais de trezentas mulheres, mas aos poucos esse número foi diminuindo devido a nova configuração do mercado do sexo na cidade. Entre 2008 e 2009, uma ação policial fechou casas de prostituição e bares na cidade, o que fez com que casas que tinham muitas mulheres e uma clientela mais fixa fechassem, abrindo novas casas em outros bairros, mas com menos mulheres que moram nos próprios cabarés ou vivem exclusivamente da prostituição. Conforme nos relata Conceição,

Assim, a gente tem uma faixa hoje porque aqui em sobral a gente já teve mais mulheres, não é que não tenha mais. Hoje em dia muitas trabalham e quando elas passam a trabalhar elas se prostituem menos... então assim, aquelas meninas que viviam única e exclusivamente nos cabarés, hoje em dia elas não vivem, elas trabalham na Grendene, trabalham nas fabricas, trabalham onde tem oportunidade de emprego, e isso quando você chega nos cabarés onde elas viviam, você não encontra uma quantidade tão grande... porque há dez anos atrás, há quinze anos atrás você chegava num cabaré e encontrava vinte mulher, quinze, hoje em dia você não encontra. Você encontra cinco, mas nenhuma mora, só vai pra lá e volta. Dessas cinco que você encontra lá,

⁷ Prostitutas exigem que Ministério da Saúde tire campanha contra Aids do ar. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/saude/2013/06/prostitutas-exigem-que-ministerio-da-saude-tire-campanha-do-ar-4003.html>, acesso em 30/06/16.

se você perguntar se é trabalhadora do sexo, diz *não, sou não, eu vim aqui só passear. Não, eu vim aqui só pra eu ver minha amiga*. Elas nem assumem que são trabalhadoras do sexo, porque em uns anos atrás aí houve uma fiscalização que não podia. Não é que não podia, que a gente sabe que não pode, você não pode abrir uma casa e botar um monte de mulher pra você se beneficiar. Você é prostituta, você pode fazer o que você quiser, mas eu não posso ter uma casa pra mim eh me beneficiar com seu trabalho. Então isso aqui, fecharam várias casas aqui em Sobral e depois que fecharam essas casas, esvaziou muito. [...] Não, isso foi em 2008, 2009, tá com uns sete anos, oito anos isso. Então assim aquelas casas que tinham muito movimento, aqui na Cohab tinha umas casas, que era uma casa muito conhecida, a casa da Chica, então lá eram mulheres que vinham de fora, que ficavam, moravam lá, ficavam de mês, de quinze dias, agora não vem mais. Agora ela sozinha dentro de casa, ela acabou, ela foi presa na época. Elas foram presas, as casas fecharam e elas foram presas né. Quando elas se soltaram, elas ficaram todas apavoradas, não quiseram mais. A Chica acabou com a casa dela, quando ela soltou-se. Elas ficaram um dia preso né, pagaram fiança e soltaram, mas mesmo assim elas não quiseram mais. A Francisca Maria acabou, a Chica acabou, a Auxiliadora acabou... (Entrevista com Conceição, realizada em 22.03.16)

A prostituição na cidade acontece predominantemente nos bairros periféricos, em casas que se tornam bares e tem mulheres e quartos à disposição para os clientes. As casas mais conhecidas foram fechadas, mas os mesmos donos e donas (a maioria mulheres) migram para outros locais, geralmente o mesmo bairro ou bairros circunvizinhos para driblar a fiscalização. Hoje poucas mulheres residem nos “cabarés” exatamente pelo medo dos proprietários de serem descobertos pela polícia. Geralmente as mulheres que ficam nas casas são de fora, que vem passar temporadas curtas na cidade.

Em uma pesquisa realizada entre os anos de 2001 e 2002, intitulada *Lugares e práticas da prostituição no município de Sobral*, identificou-se que parte das mulheres que vieram trabalhar na cidade é dos Estados do Piauí, Maranhão e de Estados do Norte; inclusive mulheres que se tornaram donas de casas de prostituição famosas, como a Chica e a Francisca Maria. Sobral, por ser cortada pela BR 222, principal rodovia que liga o Ceará aos estados do Piauí, Maranhão e Pará, tem um fluxo muito grande de viajantes, sobretudo caminhoneiros, que tem em Sobral uma parada quase obrigatória por causa dos serviços que a cidade oferece. Desta forma, além da prostituição nas

casas, geralmente nas periferias da cidade, outro tipo de prostituição que aglomera não só mulheres, mas também travestis e menores de idade acontecem nos postos Brasil e Trevo, que ficam a margem da rodovia 222.

No artigo intitulado *Mulheres do posto: fim de linha na atividade prostitutiva?*, Gleidson Vieira mostra que existe uma hierarquização dos tipos de prostituição na cidade, que se dividiam até recentemente⁸ em prostituição de rua, nas casas de prostituição e nos postos. As “mulheres de posto” são consideradas como prostitutas de baixo nível, pelo baixo preço dos programas, pelo tipo de cliente e pelas condições desconfortáveis onde se realiza os programas, geralmente dentro dos caminhões ou em quartos alugados ali próximo. Segundo Vieira (2001), “esta categoria é tida pelas donas dos bordéis como ‘fim de trilho’, expressão esta que denota fim de carreira, falta de outras opções” (VIEIRA, 2001, pg.7).

Em um projeto realizado pela ASTRAS entre 2011 e 2012, em parceria com a Secretaria de Saúde do Município, intitulado *Na Rota da Prevenção*, foi realizado um mapeamento dos principais pontos de prostituição da cidade e foram localizados trinta e cinco pontos de prostituição em diversos bairros na cidade. O projeto teve como objetivos: “- Mapear, no período de 02 meses, os pontos de prostituição fixos e flutuantes no município de Sobral;-Proporcionar, no período de 10 meses, momentos de discussão de questões referentes ao contexto bio - psico, social e afetivo dos(as) trabalhadores(as) do sexo na perspectiva do ciclo do empowerment (acesso, bem-estar, controle, participação e conscientização); - Articular instâncias governamentais visando a melhoria do acesso aos serviços de saúde para os(as) trabalhadores(as) do sexo; - Fortalecer, no período de 10 meses, o trabalho de prevenção as DST/HIV/Aids através da realização de intervenções de campo, visando maior adesão às práticas preventivas e ao cuidado com a saúde (sua e do parceiro/cliente); - Proporcionar, no prazo de 10 meses, aos(as) trabalhadores(as) do sexo, a ampliação de suas expectativas de futuro através da qualificação profissional; - Fortalecer, no prazo de 10 meses, o desenvolvimento institucional da ASTRAS; Difundir, no prazo de 10 meses, informações acerca da prevenção às DST/HIV/Aids e do trabalho realizado pela

⁸ Hoje, a atividade de prostituição também conta com garotas de programa universitárias e também com as acompanhantes, que vendem seus serviços através de sites como o coelhinha brasil e garota nacional.

instituição e monitorar e avaliar, no período de 01 ano, as atividades do projeto” (*grifo nosso*)⁹.

Os objetivos do projeto *Na Rota da Prevenção* esclarecem melhor como funciona o trabalho da associação na cidade e como se entende a atividade da prostituição. Apesar do trabalho contínuo com prevenção e da parceria com órgãos da saúde, tanto no âmbito municipal como estadual, as mulheres que estão à frente da associação - como a própria Conceição, assistentes sociais, enfermeiras e prostitutas -, falam da dificuldade que é manter a associação com a falta de apoio e projetos do Estado voltados para o segmento das(os) profissionais do sexo, e da tentativa de manterem as atividades de capacitação, oficinas e cursos, com a finalidade de manter as mulheres, travestis e homens que fazem parte da associação unidos e buscando os seus direitos.

Aquí a gente consegue fazer curso, sai catando os cursos, tem curso pelo SESC, pela secretaria de desenvolvimento econômico, então de onde tem alguma coisa a gente vai atrás e traz pra cá tá entendendo. O trabalho aqui, de curso, a gente faz mais aqui por conta do espaço pra gente não te que tá levando as coisas, mas a gente não fica só aqui. A gente não pode se fechar aqui, porque nos bairros elas não vem pra cá, então a gente tem que fazer o trabalho lá com elas. Então se for uma oficina, a gente vai e faz a oficina lá, num dia faz numa casa, noutro dia faz em outra. A gente vê assim, vocês querem falar sobre o quê? Que a gente faça uma oficina falando sobre o que? Elas diz, quero isso, quero isso. A gente procura organizar, procura uma pessoa que domine aquilo ali e a gente convida a ser voluntaria, porque a gente não tem condições de pagar um profissional pra dar uma aula ou uma oficina, porque você sabe que qualquer oficina é caríssima né. Então assim, a gente vê a necessidade delas e a gente leva até elas aquilo que elas querem, que elas querem ouvir. Então assim, a gente vai falar sobre DST, *ai não quero naum porque a gente só escuta isso, a gente já cansou, a gente quer uma coisa diferente.* (Entrevista com Conceição, realizada em 22.03.16)

Parece existir por parte das mulheres, como podemos ver na fala da Conceição, uma saturação do trabalho feito com prevenção e a busca de novos parceiros e novos temas para se trabalhar com o segmento. Talvez uma atenção maior por parte do Estado,

⁹ Informações obtidas no site <http://astrassobral.blogspot.com.br/>, acesso em 23/03/16

de não vê-las somente como potenciais transmissoras de doenças, mas como cidadãs, trazendo ações que visem trabalhar o que foi chamado no Projeto de ciclo do empowerment (acesso, bem-estar, controle, participação e conscientização), traga um novo significado para as atividades da associação, que de fato visem a participação política e a visibilidade para as(os) profissionais do sexo na cidade.

A forma como a atividade da prostituição é vista no Brasil revela a moralidade que ainda cerceia as(os) profissionais do sexo. Moral exercida através de uma cultura que considera que práticas sexuais são aceitas e reconhecidas como corretas. Conforme nos alerta Agustin (2005),

As abordagens que se dão na Espanha são, todavia, de forte caráter moralizador. Partem de suposições sobre o lugar “correto” do sexo (na casa de um casal), sobre as boas formas do sexo (com amor, em casal e sem dinheiro) e sobre os conceitos ocidentais acerca da classe média, pouco fáceis de impor a pessoas de outras culturas (por exemplo, a identidade pessoal ou o eu, a autoestima, a dignidade do trabalho). Estas abordagens só se podem manter se ninguém prestar atenção ao discurso dos sujeitos envolvidos. (AGUSTIN, 2005, pg.123, *tradução nossa*)

A prostituição de rua na cidade de Sobral é muito restrita e escondida, sobretudo na prostituição de mulheres. As que mais se expõem são as travestis, que se prostituem à noite numa importante avenida da cidade. Esse fato revela o quanto as mulheres ainda escondem a atividade dos familiares e sofrem com o preconceito e a discriminação que a profissão carrega nas cidades interioranas.

Falas que reforçam o papel da boa mulher, que cuida de sua família e que tem na religião um suporte para a sua atividade foram ditas por algumas prostitutas que tive oportunidade de conversar em encontros na ASTRAS e nos bares do centro da cidade.

“Eu trabalho por amor aos meus filhos, pra dar o sustento a eles.” Raquel¹⁰, 32 anos.

“Eu sou católica, e minha religião me ajuda muito, eu me apego com Deus pra sair das coisas que eu não quero tá no meio.” Katia, 43 anos.

“Moral é uma coisa muito boa que todo mundo devia ter né, mas muitos não tem. E eu já fui trabalhadora do sexo também, hoje eu sou casada há vinte e tantos anos, mas trabalho com as garotas ainda.” Graça, 52 anos.

¹⁰ Os nomes serão pseudônimos para preservar a identidades das mulheres.

“Lutamos por uma vida melhor, que um dia a gente possa também mudar o nosso trabalho pra um mais bem bom. Queria dizer que minha luta é isso, que Deus ajude que eu possa arranjar um marido e uma vida diferente.” Lucilene, 36 anos.

“Sexo pra mim é quando a pessoa gosta daquele parceiro, porque aqui o que a gente trabalha, pra mim, eu não conto com isso. Eu acho que a gente tá trabalhando, a gente não vai ficar com vontade. É isso que eu acho. É trabalho, é trabalho né, é uma profissão. Sexo pra mim é com um parceiro que a pessoa gosta.” Maria, 35 anos.

O discurso moralizante que diz como deve ser uma boa profissional do sexo foi enfatizado por uma profissional da Casa de Apoio à pessoas portadoras de HIV/AIDS da cidade.

“Hoje a gente sabe que ser trabalhadora do sexo é uma das profissões mais antigas né, que se tem conhecimento, é a profissão mais antiga que se tem conhecimento. Muitas pessoas, a meu ver, estão nessa profissão, umas porque socialmente foram botadas nela, acharam fácil o caminho, não encontraram oportunidade, acharam difícil, entraram pelo prazer, de um, de outro, e depois fizeram disso a sua profissão. E as que fizeram disso sua profissão, como todo bom profissional se cuida, ela se previne, ela se respeita, ela não usa droga ne. Por que? Porque ela sabe que tá no exercício de uma profissão. Eu vou, quando vê o trabalho sexual como uma profissão, ela vai, porque ela sabe que ela tá oferecendo prazer, ela sabe que ela tá buscando prazer. Ela sabe que tem esse direito de buscar e dar prazer a uma pessoa, que ela alivia. A gente sabe que as grandes profissionais do sexo elas ajudaram muito, e muito, em questões políticas, em questões familiares, a que se tá como profissional, a que assume isso como profissão. A que não assume isso como profissão, assume como brincadeira, eu vou porque eu quero brincar, eu acabo todo o dinheiro que eu arrecado daquela profissão, eu acabo me enchendo de drogas, eu acabo bebendo, eu tô pela farra, essa não é a profissional do sexo, essa é apenas a prostituta. Há uma diferença incrível em ser a prostituta e em ser a profissional do sexo. Isso na minha opinião! Aquela que vai só pra farra, que tá no oba oba, *não to não quero, não quero nada*, é uma (*trecho inaudível*), aquela que vai porque eu quero fazer desse momento, é assim que eu me realizo, é assim que eu gosto, eu pego esse dinheiro e uso pro benefício da minha família, para o meu próprio benefício, essa sim é profissional. A gente vê no trabalho de vocês pessoas que são profissionais do sexo, mas mantem a sua casa, mantem a sua família, mantem

com dignidade todos os seus amigos, e a gente vê outras que infelizmente que entraram pro oba-oba e que não tem nada e que terminam a vida sem nada ne, a não ser com doenças, doenças, doenças, só... Então enquanto profissional, enquanto pessoa a gente deve tá procurando sempre ser coerente com aquilo que a gente faz e corente com aquilo que a gente é na vida.” (entrevista realizada dia 17.05.16)¹¹

Apesar das classificações e definições do que deve ser uma boa profissional do sexo para ser bem vista e, possivelmente, bem atendida pelos profissionais de saúde ou que trabalham com políticas públicas voltadas aos segmentos que tem uma sexualidade condenável ou reprovável socialmente; algumas prostitutas enfatizaram que são profissionais e se assumem enquanto tal, falando sobre a violência e o preconceito que permeia o trabalho do sexo.

Fernanda: Vocês acham que na profissão de vocês tem muita violência?

Grace: “sempre tem ne, acho que existe sim.”

Fernanda: Por parte de quem, dos clientes, da polícia?

Grace: “Não, no modo que fala, olha, as vezes é considerado violência.”

Maria: “tem muita violência sim, a mulher que tá na vida sofre violência sim.”

Janete: “Violência verbal é a pior essa daí. Pois eu sou garota de programa e me assumo, você acredita? E não tenho vergonha de jeito nenhum de ser o que eu sou, de cabeça erguida.”

Vania: “Trabalho é ter responsabilidade em toda coisa que faz ne. Qualquer coisa que eu faça tem que ter a dedicação né. Qualquer trabalho né, cada um tem um jeito de trabalhar, uma escolha né, então é um modo de vida né. Meu trabalho é esse né, então seja ele qual for né...”¹²

Podemos compreender melhor a existência de uma disputa de valores e sentidos sobre o que é prostituição e como deve ser a sexualidade, com que finalidade se utiliza o sexo, dentre outras definições que tentam normatizar e tornar mais aceitas determinadas práticas “necessárias” no seio da sociedade. Tais valorações e normatizações orientam uma série de práticas sociais, sobretudo relacionado à saúde, que lidam com populações marginalizadas ou com sexualidades “desviantes”. Quais as consequências de determinados discursos na vida e no controle da sexualidade dessas pessoas?

¹¹ Suprimi o nome da profissional para preservar sua identidade.

¹² Os nomes são pseudônimos.

Por que não falar de outras reflexões...?

Butler (2015a, 2015b), nas suas últimas obras, reflete acerca da ética e da responsabilidade na nossa constituição enquanto sujeitos e nas construções discursivas sobre nós mesmos. Como seres sociais, somos cercados por convenções e regras que definem as vidas “passíveis de luto”, ou seja, quais sujeitos são reconhecidos perante as normas que nos constituem socialmente. O conceito de “violência ética” é importante para compreendermos como determinadas moralidades reconhecem ou não determinados sujeitos, e como sujeitos políticos podem ser enquadrados numa lógica que os aprisiona. Segundo Carla Rodrigues (2015),

Quando Butler associa ética a uma forma de violência, retoma um debate sobre reconhecimento, termo muito caro ao seu pensamento, para interrogar como, dentro da reivindicação de reconhecimento, pode também estar contida a violência de um enquadramento prévio a partir do qual o reconhecimento então se dá.¹³

O conceito de violência ética pode nos auxiliar a compreender as práticas políticas de determinados grupos e qual o peso de moralidade sobre as ações dos sujeitos. Tais questões têm me inquietado nessa seara em venho adentrado no campo das moralidades e das sexualidades nas cidades interioranas.

O conceito de “ética ordinária” (LAMBEK, 2010; DAS, 2012) e a forma como Veena Das (2012) teoriza a agência das mulheres também tem sido muito valiosas para pensar como na vida cotidiana, ordinária, os indivíduos ressignificam seus valores e se constituem como sujeitos éticos. A retidão (ou não) de uma ação habitual estaria relacionada à nossa capacidade de julgá-la de acordo com a humanidade que carrega, em oposição ao automatismo mecânico do hábito. Das usa o exemplo da dissimulação para marcar a distância entre a visão das ações habituais como mecânicas e irrefletidas e a visão que defende,

¹³ Butler e a violência ética: de quem é a vida afinal? Disponível em <http://www.blogdoims.com.br/ims/butler-e-a-violencia-etica-de-quem-e-a-vida-afinal>, acesso em 30.06.16.

"Here we find the ethical within the habitual or the routine where we least expect it to be, namely, in acts of concealment and preting through which one's knowledge of the constrained circumstances of the other is hidden when offering a larger than usual gift, or in the use of words to recast a debt as a gift" (DAS, 2012, p.141)

São essas outras formas de pensar a moral e a agência na constituição dos sujeitos que me instiga a aprofundar o que venho investigando, buscando compreender as relações entre territorialidades, moralidades e sexualidades na cidade de Sobral.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHETTE, Thaddeus; SILVA, Ana Paula da (2011). "Amor um real por minuto – a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano", *In*: PARKER, Richard; CORREA, Sonia (orgs). Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos. Sexual Policy Watch, 2011. Disponível em: www.sxpolitics.org/pt/?p=2638.

BUTLER, Judith (2015a). *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

BORTOLANZA, Elaine (2014). Zonas de promiscuidade: trottoir do desejo sexual. *In*: SIMOES, Soraya; SILVA, Hélio; MORAES, Aparecida (orgs.). Prostituição e outras formas de amor. Niterói: Editora da UFF.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DOUGLAS, Mary (1966). *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.

FERREIRA, Diocleide L. (2010). Espaços de lazer em Sobral – Ceará, o "cid marketing" e uma proposta de (re)invenção da cidade. *In*: FREITAS, Nilson A; JUNIOR, Martha M.; HOLANDA, Virginia Celia C. (orgs.) (2010). Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco. Sobral: UECE/UVA.

FREITAS, Nilson A; JUNIOR, Martha M.; HOLANDA, Virginia Celia C. (orgs.) (2010). *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano*: Sobral e região em foco. Sobral: UECE/UVA.

- GOFFMAN, Erving (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- HELENE, Diana (2014). A invenção do Jardim Itatinga: a segregação urbana da prostituição. In: SIMOES, Soraya; SILVA, Hélio; MORAES, Aparecida (orgs.). *Prostituição e outras formas de amor*. Niteroi: Editora da UFF.
- OLIVAR, José Miguel N. (2014). Adolescentes e jovens nos mercados do sexo na tríplice fronteira Brasil, Peru, Colômbia: três experiências, um tour de force e algumas reflexões. *Revista Ártemis*, Vol. XVIII nº 1; jul-dez, 2014. pp. 87-102.
- PISCITELLI, A. G (2013).. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamondo/CLAM.
- RIBEIRO, Fernanda M. (2015). É possível consentir no mercado do sexo? O difícil diálogo entre feministas e trabalhadoras do sexo. *Revista Reia - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, ano 2, volume 2(2):2015
- SAHLINS, Marshall D. (1997). *Ilhas da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SIMOES, Soraya S (2010). Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca. Niterói: EdUFF.
- SIMMEL, Georg (2005). *As grandes cidades e a vida do espírito*. *Revista MANA* 11(2):577-591, 2005.
- TONNIES, Ferdinand (1965). *Gemeinschaft and Gesellschaft*. In: PARSONS, Talcott et al (eds.). *Theories of society*. New York: Free Press.
- VIEIRA, Gleidson (2001). *Mulheres de Posto: Fim de Linha na Atividade de Prostituição?*. In: VII Reunião dos Antropólogos do Norte-Nordeste, 2001, Recife - Pe. VII Reunião dos Antropólogos do Norte-Nordeste. ABANNE - UFPE, 2001. Recife - PE: Liber Gráfica e Editora Ltda.